

Mar de Xaraés ou as “reinações” do Pantanal

MÁRIO CEZAR SILVA LEITE*

Resumo: Já se provou que a crônica inicial de ocupação da região do atual Pantanal Mato-grossense, entre os séculos XVI e XVIII, não cunhou a expressão “Mar De Xaraés” para o Pantanal. Isso significa dizer que os cronistas-viajantes, em seus relatos ou mapas, não usaram essa expressão para designar/desenhar a região. Entretanto, estranhamente, em vários estudos – mais antigos ou recentes – sobre o Pantanal, esse termo aparece e, segundo os estudiosos, ele foi usado, e impresso, por essa crônica inicial. Neste trabalho, parto em uma viagem pelas ondas desse “inexistente” mar em busca de suas possíveis formas de “existência”. Navegando os estudos em geologia, geografia, antropologia, história e literatura, tento entender os fatores imaginários, geográficos, imagéticos que levaram os autores e estudiosos não apenas a afirmar a presença dessa expressão (dessa geografia) na crônica inicial – sem que ela efetivamente esteja nesses relatos ou mapas –, mas também que elementos podem permear a utilização recorrente dessa imagem nas pesquisas sobre o Pantanal.

Palavras-chave: pantanal, imaginário, natureza, cultura.

“La irrealidad de lo mirado
Da realidad a la mirada”
(Octavio Paz)

Depois de alguns anos pesquisando sobre os mitos e seres imaginários das águas do Pantanal de Mato Grosso, entre recortes, opções, inclusões e exclusões, detenho-me aqui em mais um dos intrigantes mitos do Pantanal. Para esse ser imaginário, direi de início que ele é o próprio Pantanal e acrescento que ele não é o Pantanal... Devo dizer também que não se trata de uma pesquisa concluída, pois muitos autores e textos (objetos desta pesquisa), e etapas posteriores do desdobramento que o recorte exige, estão sendo, por ora, deixados de lado. Isso me leva a inferir algumas conclusões que, no estágio atual do trabalho, são apenas possíveis sinalizadores. Preciso esclarecer que nem os textos nem os

autores aqui estudados são tratados com desrespeito intelectual. Minhas hipóteses explicativas para as discussões estabelecidas buscam outras esferas de resolução muito distantes do desrespeito, da idéia de “verdade” ou do equívoco científico. Interessam-me as impressões, a imaginação e a poeticidade das coisas.

Para quem pesquisa, trabalha ou tem alguma familiaridade com o Pantanal, a expressão “Mar de Xaraés” como sua denominação não é estranha ou traz qualquer novidade. A idéia de que ele em algum momento de sua história foi denominado ou mesmo entendido, visto, pensado como um mar, e em especial como o Mar de Xaraés, é aceita com tranqüilidade. No entanto, em meus estudos, vislumbrei alguns problemas ligados a essa idéia e resolvi persegui-los. Isso provocou um certo deslocamento no meu tradicional objeto de pesquisa, que deixou de ser os mitos do Pantanal para se transformar nos estudos sobre o Pantanal. Ver-se-á no desenvolvimento deste artigo que não há clareza se abandonei mesmo a esfera dos mitos e seres imaginários.

* Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e professor de Literatura Brasileira do Mestrado em Estudos da Linguagem (MeEL/UFMT) e do Departamento de Letras/IL/UFMT.

A formação e trajetória geológica desse espaço, inicialmente em período e ambiente marítimo glacial (Brasil, 1982, p. 85-86), um mar gelado, aparentemente perdura – e de algum modo se mistura –, por razões que tentarei identificar nas próximas páginas, no imaginário como um dos elementos de identificação com o espaço-Pantanal. Em verdade, o que se mantém e perdura é a noção de mar. É bastante comum encontrar, quer em alguns autores, quer nas falas cotidianas, referências à região como “antigo mar” e mais, em alguns casos, essa idéia de mar aparece entrelaçada à idéia de “Xaraés”: Mar de Xaraés. Subsiste ainda uma forte presença envolvendo a idéia de mar para o espaço Pantanal. Aparentemente, essa associação no imaginário (mar-Pantanal), dá-se na, e pela, junção com Xaraés-Pantanal. Por outro lado, ocorre que, numa espécie de movimento dilatador e ampliador de imagens, ela também incorpora e mistura várias imagens diferentes e de proveniência variada.

É impossível precisar como, quando e de que forma essas imagens efetivamente se juntaram. Elaboro aqui uma discussão no intento de rastrear, isolando-as a princípio umas das outras, para encontrar o possível elo de conexão, e mistura, entre elas. Para, no fim, entender a cunhagem da expressão-ideia-imagem “Mar de Xaraés” também como definidora do espaço Pantanal para os estudiosos.

A rigor, sempre que se faz qualquer alusão a Mar de Xaraés, como Pantanal, costuma-se apontar ou sugerir que essa imagem-ideia-noção teria sido cunhada, escrita, desenhada ou elaborada por cronistas-viajantes que visitaram a região entre os séculos XVI e XVIII. Entretanto, no trabalho de Maria de Fátima Costa (Costa, 1999, p. 131-159) – sobre representações de Pantanal, entre os relatos e a cartografia, de cronistas-viajantes espanhóis e portugueses –, o capítulo dedicado a Xarayes demonstra claramente que a idéia-imagem de “mar” não está presente nesses relatos ou cartografia e muito menos estabelece qualquer relação entre os termos mar e Xarayes. Portanto, o termo “Mar de Xarayes” nessas fontes é inexistente e desconhecido. Para Xaraés, o registro é sempre lagoa ou Laguna de los Xarayes. Inicialmente, encontram-se apenas referências

às terras dos índios Xarayes. Somente no século XVII é que “Antonio Herrera” “realizou essa configuração”, “denominando esta região Laguna e descrevendo-a no interior da geografia desenhada pelas conquistas espanholas” (Costa, 1999, p. 137). Em determinados momentos, como se viu, o termo aparece representando a região como um todo, e embora esteja de algum modo ligado a outras imagens e espaços míticos, Xarayes, entre

informações indígenas, associações de narrativas e imaginação do cronista [...], foi a imagem que durante largos tempos persistiu como representação daquela parte interior da América meridional, banhada pelo rio Paraguai. (Costa, 1999, p. 139)

Segundo Maria de Fátima Costa, nenhum dos primeiros cronistas descreve Xarayes nem mesmo como lago ou lagoa. Essa configuração ou “transfiguração” do espaço em lagoa efetivamente

deu-se a partir das interpretações das narrativas. A origem desta construção está congenitamente imbricada na própria geografia do espaço interior da bacia do Alto Paraguai e suas primeiras descrições: um espaço fluvial lacustre, entrecortado por rios e lagoas, que surge nos textos quinhentistas com sua sazonalidade de paisagem móvel. Embora nas narrativas Xarayes não figure como lagoa, sua origem ali se encontra. (Costa, 1999, p. 136, grifos meus)

A questão, então, é tentar entender como, e por que meios e dispositivos, essa inexistente imagem de Mar de Xaraés passa a se incorporar ao repertório semântico representativo da região e, em alguns casos, representar o próprio Pantanal. Não obstante, a falta de registro entre os séculos XVI e XVIII, essa imagem de mar – como já se viu, o termo em verdade é lagoa ou Laguna dos Xarayes e aplica-se à região do Pantanal descrita pelos espanhóis, a partir do século XVI – misturou-se um pouco à da lagoa de Xarayes.

De onde proveria, ou onde residiria, uma possível imagem de mar que, num determinado momento, misturou-se com a de Pantanal que, por sua vez, misturou-se com Xaraés? E por que motivos?

Bem, o primeiro mar de um total de três, que até agora rastreei – que se somam e juntam para formar um quarto, relacionados com o espaço Pantanal – é o já referido acima, mar glacial que data geologicamente do tempo perdido no próprio tempo, do período em que boa parte da Terra estava submersa em gelo. Quando se fala do mar glacial, não é preciso necessariamente referir-se a um único mar gelado ou de um único tempo geológico, uma vez que a Terra, em suas eras, períodos e épocas, passou por várias glaciações. De todo modo, é uma idéia de mar que vem por meio da descrição da geologia sobre a formação remota desse espaço. Uma imagem de mar que se, por um lado, não se associa, ainda e de imediato, com o espaço pantanal, por outro, está na base da descrição de sua formação espacial.

Um segundo mar, também perdido no tempo, e novamente proveniente da geologia incorpora-se à descrição da formação geográfica remota, mas já não é o mesmo mar glacial.

Os autores eram concordes em admitir que grande parte da área continental esteve submersa em eras geológicas antigas. Teorias fascinantes foram engendradas com o fito de explicar a sucessão das fases desde que as terras estiveram cobertas por imensa massa líquida, até o seu ulterior levantamento. (Souza, 1973, p. 14)

Apesar de o adjetivo fascinantes envolver o termo teorias em um campo semântico meio duvidoso, e do termo mar não aparecer explicitamente, Lécio Gomes de Souza trabalha tendo como referência a teoria do geólogo norte-americano Orville Adalbert Derby, que visitou o Brasil durante os anos de 1870 e 1871, radicando-se depois no país. A teoria de Orville Derby, em resumo, trata da separação, em seus longos e vários períodos geológicos, que comumente aponta-se entre o continente sul-americano e o africano. Há mais de dois bilhões de anos, período arqueano (primitivo), formando o grande craton sul-americano, era o continente balizado apenas por dois escudos cristalinos: a linha arqueana do norte, do qual se originou o maciço guiano, e a ilha arqueana do sul, esqueleto precursor do planalto brasileiro. A sul e a oeste desta [ilha arqueana do sul] estendia-se o mar

Platino, ao norte daquela [arqueana do norte] o [mar] Guiano e, entre as duas, o [mar] Amazônico. No paleozóico (primário), há mais de 500 milhões de anos, com a expansão para o ocidente do planalto brasílico, processa-se um esboço de separação entre os dois mares [Platino e Amazônico]. Para o fim desse período (mais de 200 milhões de anos), tal separação vai-se acentuando cada vez mais, com o aparecimento de golfos interiores e a ligação, no lado oriental, entre o maciço Guianense e o brasileiro. Fecha-se, assim, a saída do mar Amazônico para o Atlântico, a se transformar em mero bolsão alimentado pelo oceano Pacífico. No fim da era mesozóica (secundária) [...], os mares interiores encontram-se bastante reduzidos: o Platino transformou-se em profundo golfo, mantendo contudo submersas partes do atual território argentino, do uruguaio e de toda bacia paraguaia. O mar Amazônico perdeu a sua contigüidade com o Pacífico, e muito restrito, liga-se exclusivamente ao Guiano. Ao final da era cenozóica (terciária), os Andes, apenas modelados em modestas elevações, vão sofrer, com grandes dobramentos da crosta terrestre, o seu soerguimento e se transformar na imponente cordilheira da costa ocidental americana. [...] O mar Platino reduzia-se a estreita lingüeta, a subir apertado entre as formações onde se localizaria mais tarde o vale do Paraguai. O Amazônico, vedadas as suas saídas, se transformava em lago e o Guiano passava à categoria de golfo. (Souza, 1973, p. 15-16, grifo meu)

Note-se que, na referência a essa teoria sobre a formação geológica do espaço, não se fala, em nenhum momento, em Xaraés. Nem mesmo, para esse autor, há qualquer alusão à teoria do mar glacial, embora possa haver uma espécie de presença alusiva ao mar glacial, uma vez que a linha temporal (na escala do tempo geológico) apontada pela teoria pode conter, em sua longa duração, períodos de glaciações. De maneira restrita, trata-se de três outros mares distintos, Platino, Guiano e Amazônico, que se diluíram e transformaram, desaparecendo enquanto mar, na composição geológica do espaço. Há mais um ponto importante aqui. Com a movimentação da crosta e conseqüente separação do continente, o mar

que fica isolado interiormente é o Platino, que vai gerar posteriormente a região da bacia platina.

De todo modo, interessa-me aqui o seguinte: esses três mares, em conjunto e no limite (talvez se devesse pensar mais especificamente no Mar Platino, pois é ele que permanece na origem geológica da região), geram em essência a idéia de um outro tipo de mar: um mar interior. São na essência esses mares (Platino/Guiano/Amazônico), todos interiores e longínquos temporalmente, que estão nesse momento compondo uma imagem e idéia de mar interior conectada, de certo modo, com a composição geográfica da região.

Essa teoria geológica traz à tona algumas questões pertinentes para a discussão no seu todo. Embora Lécio Gomes não cite outros autores ou outras teorias, a idéia apresentada, via Orville Derby, encontra-se na base de um acalorado, e longo, debate entre geólogos desde o início do século XX. A deriva dos continentes, como foi denominada, "é uma idéia antiga, originalmente formulada no intuito de explicar o paralelismo das costas do Atlântico" (Wyllie, 1995, p. 14). "Desde o século 17 quando os mapas se tornaram cada vez mais precisos, observou-se que a forma do litoral ocidental da África é um complemento da forma do litoral oriental da América do Sul" (Salgado-Labourial, 1994, p. 62). O pesquisador A. Wegener apresentou em 1915 essa teoria, com base na premissa da existência de um único supercontinente, Pangea, que por volta de 180 milhões de anos atrás fragmentou-se, movimentando-se para "oeste ou para o equador ou em ambas as direções simultaneamente" (Wyllie, 1995, p. 14). A América do Sul e a África começaram a se separar. Por falta de dados ou por dados considerados inadequados, "a deriva transformou-se em artigo de fé para certos geólogos mais revolucionários e foi ignorada pelos geofísicos e pela maioria dos geólogos" (Wyllie, 1995, p. 16). Nos anos 50, reacende-se o debate "quando se obtiveram os resultados da investigação em duas áreas não consideradas na discussão anterior: magnetismo das rochas e exploração de fundos oceânicos". Isso tudo se reveste de um caráter bastante complexo no interior das próprias teorias, que envolve novos avanços,

métodos e tecnologia da investigação etc, mas, em resumo, um dos pontos principais foi que se descobriu que o fundo dos mares era relativamente recente (em termos de tempo geológico) e suas características geográficas apontavam para uma possível cicatriz. "O que se traduz numa abertura do vale [no fundo do Mar Atlântico] paralelamente às linhas da costa" (Wyllie, 1995, p. 16-17). No limite, significava dizer que o perfil geográfico (o desenho) do fundo do Mar Atlântico, entre América do Sul e África, completava harmonicamente o perfil e o desenho das costas emersas. Nos anos 60, Hess elaborou a teoria da expansão do fundo oceânico, que posteriormente juntou-se à da deriva dos continentes, e que gerou o modelo da tectônica de placas por meio dos avanços nos estudos e pesquisas da geologia e outras áreas. O modelo da tectônica de placas, que incorpora a da deriva dos continentes e a da expansão do fundo oceânico, é hoje um fato comprovado e indiscutível para a geologia. Os continentes comprovadamente continuam à deriva! Movimentando-se em torno de quatro centímetros por ano. Ao fim e ao cabo, estamos todos, parafraseando o escritor português José Saramago, sobre lenta jangada de pedra. Veja-se:

A taxa de expansão relativa a cada lado do Atlântico Sul é de 2 cm/ano, o que significa que, em cada ano, 4 cm de fundo oceânico novo é gerado na cordilheira média do Atlântico [...]. Se pudéssemos inverter, à mesma taxa, o processo de expansão dos fundos oceânicos, moveríamos ao contrário a tela de transporte da litosfera, de novo para o interior da Terra, para o vale de rifte do Atlântico, fazendo diminuir a largura do oceano Atlântico e aproximando outra vez a África da América do Sul. [...] A inversão da expansão do fundo oceânico durante 80 milhões de anos removeria 3.200 km do centro do oceano Atlântico, estreitando para 2.300 km o afastamento entre África e América do Sul. Se o processo de expansão pudesse ser invertido a taxa constante, seriam precisos cerca de 138 milhões de anos para a bacia do Atlântico fechar completamente e pôr em contato os taludes continentais da África e América do Sul. (Wyllie, 1995, p. 193)

Parece-me essencial neste momento frisar o importante papel da imaginação, poética ou não, no interior do pensamento científico. É muito curioso o fato de que o próprio Hess, ao elaborar a expansão do fundo de mares, chamou sua teoria de geopoesia, pela falta de dados e elementos comprobatórios. Nos anos 70, a geopoesia, com ajustes, tornou-se um geofato (Wyllie, 1995, p. 26).

Voltando a Xaraés, esse mar interior – da teoria de Derby e mais diretamente o Platino – torna-se, então, aqui no meu catálogo de mares–Xaraés–Pantanal, o segundo mar associado ao espaço. Nesse ponto, vale chamar a atenção e enfatizar que os textos e autores citados até agora estão em suas obras tratando sempre explicitamente de Pantanal.

É importante, para a discussão, deter-se um pouco sobre essa noção de mar interior, pois talvez seja ela que tenha a chave de alguns mistérios do imbricamento imaginário desses mares (glacial/Interior-de-Derby) com o Pantanal. Ao iniciar seu livro, sobre o Pantanal, com um capítulo denominado “Mar Interior” – no qual a teoria de Orville Derby aparece –, Lécio Gomes de Souza explicitamente introduz essa idéia de “mar interior” (embora sejam três) na composição da paisagem Pantanal. O autor – assim como outros que serão aqui citados – engendra uma geo-história pretérita do espaço. Esses mares e essa teoria colam-se, ou criam mesmo, um passado para a região do Pantanal. Fixando-o e possibilitando, de algum modo, um desdobramento e redimensionamento dele (e da imagem a ele associada) nas composições semântico-simbólicas do espaço. Por outro lado, vale frisar que necessariamente outros autores que vão trabalhar com, e também, estipular a junção da idéia de mar interior com Pantanal podem não ter tido nenhum conhecimento ou contato com o texto ou o livro de Lécio Gomes de Souza. O que torna a possível elaboração dessa imagem muito mais complexa e interessante, uma vez que esse autor pode ser – mas não é obrigatoriamente – uma fonte para os outros.

A imagem de mar interior, aqui elencado como segundo mar, vai desligar-se dos mares interiores da teoria de Derby, e anexar-se, agora sim, muito diretamente ao Pantanal, sem se

perder enquanto imagem de mar interior. O que se perde, e se desliga dessa imagem, é a teoria geológica da separação entre os continentes e os seus três mares interiores. Desse modo, gera-se um terceiro mar, que vai ser também chamado de mar interior, mas já diretamente anexado ao espaço em sua configuração e movimento mais recentes.

O Projeto RadamBrasil informa que Moura, em 1943, analisando textos de cronistas viajantes, de 1703, observou que “a grandiosidade do pantanal alagado começa a levantar a suspeita de um mar interior” (Brasil, 1982, p. 145, grifos meus). Note-se aqui que: primeiro, a noção de mar não está atrelada a períodos geológicos glaciais, nem aos três mares interiores de Derby; segundo, embora se faça referência aos cronistas do século XVIII, a expressão Xaraés, quer como lagoa quer como mar, não aparece, fala-se em mar interior; terceiro, e muito importante, trata-se do Pantanal inundado. Deve-se frisar, e reter nesse momento, que mar interior, distinguindo-o do de Derby/Gomes de Souza, é o Pantanal alagado. Uma nova e outra fixação geográfica estipula-se para o Pantanal, ligada agora diretamente ao próprio espaço como mar interior, sem geólogos ou teorias geológicas, e associada à crônica de ocupação ou aos cronistas-viajantes.

Por enquanto, então, tem-se aqui, com a introdução de um novo e diferente mar interior, três mares distintos: 1. glacial; 2. interior–interiores–Derby; 3. interior–pantanal–alagado. Elaborados, dois, pela geologia (que necessariamente não se excluem, ou isolam, um do outro), compondo-se, se não diretamente com a idéia de Pantanal, diretamente com a idéia de composição do espaço Pantanal. E um terceiro, aparentemente e em tese, elaborado pelos cronistas do século XVIII, compondo-se já com a idéia de Pantanal alagado.

A associação entre as idéias de mar interior e Pantanal alagado (aqui tratado como terceiro mar), que de algum modo conectaram-se, é que, ao que parece, engendra um quarto mar: o duvidoso e nebuloso, embora muito conhecido, Mar de Xaraés – que se incorpora nesse conjunto. Um dos autores que faz essa associação entre as imagens é o próprio Lécio Gomes,

na obra aqui várias vezes citada. Veja-se, segundo ele, a

designação primeva de “mar de Xaraés”, que lhe [ao Pantanal] coube, deve ter advindo da impressão causada aos primeiros navegantes pelas inundações exorbitantes que submergiam completamente as baixas plagas e por informações imprecisas e exageradas de aventureiros. (Souza, 1973, p. 29)¹

A questão se complica um pouco se se partir do princípio de que, ao que tudo indica, não existe registro da “designação primeva” “mar de Xaraés” (Cf. Costa, 1999, Capítulo Xarayes, p. 131-159). Sempre considerando que o sentido primeiro da expressão “primeva” refere-se explicitamente, nesses autores, à crônica inicial de ocupação da região, não existe em verdade essa designação. Pelo que se viu, há três idéias distintas sendo elaboradas, envolvendo a imagem de mar, todas ainda sem Xaraés. Uma, vinda das teorias geológicas sobre o mar glacial, perdido no tempo das eras. Outra, também de teorias geológicas sobre a formação da região, e os mares aqui são outros, no limite, não têm ligação específica com o glacial. E um terceiro, que se refere às impressões causadas pelas sazonais cheias e alagamentos do Pantanal. E os dois últimos, aproximando-se – ou mesmo criando – a idéia de mar interior para o Pantanal, um, nas teorias geológicas, e o outro, no Pantanal alagado. Ressalta-se também que o último (Moura/RadamBrasil) refere-se à crônica de ocupação para a idéia de mar interior, o que bloqueia a possível penetração da idéia de mar interior da teoria geológica.

Parece-me bastante pertinente arrolar a possibilidade de que a amálgama entre essas imagens é, em verdade, a imagem de mar interior. É ela que possibilita, no todo, a junção da idéia-imagem mar com a idéia de Pantanal. A partir da elaboração de Pantanal alagado como um mar interior, é bem possível que as imagens distintas desses outros mares – que de todo modo estão intimamente ligados a essa

região, ou aos desenhos geográficos dela – tenham encontrado um campo comum de assentamento e circulação para se misturar e, mais importante, manter-se como imagens do Pantanal. Mas ainda há mais coisas. De algum modo, na maioria dos casos, os estudiosos que fazem referência ou alusão ao Pantanal enquanto mar interior ou Mar de Xaraés trazem à tona uma possível relação Pantanal–mar que os cronistas-viajantes, que mapearam e descreveram a região, teriam estabelecido, como se pode comprovar nas citações acima. Note-se, então, que os cronistas servem de fonte tanto para a idéia de mar interior (Moura) quanto para a de Mar de Xaraés (Lécio Gomes) aplicadas a Pantanal alagado. Ora, nesse sentido, o trabalho da historiadora Maria de Fátima Costa é exaustivo e contundente: os cronistas-viajantes, dos séculos XVI ao XVIII, não elaboraram essa relação Pantanal–Mar de Xarayés, nem Pantanal–mar interior. Assim, no limite, eles não serviriam de argumento e comprovação. O que se diz estar nas fontes (na crônica de ocupação) não está lá.

E se não está, o que realmente pode ter acontecido para que muitos estipulassem essa associação e, mais, apontassem como fonte os cronistas-viajantes? Como já sinalizei, para o Projeto RadamBrasil, Moura, analisando textos de cronistas-viajantes do século XVIII, observa que, nesses textos, é “a grandiosidade do Pantanal alagado” que começa, nos viajantes-cronistas, a “levantar a suspeita de um mar interior”. Ora, são objetivamente esses mesmos cronistas que estão na base de sustentação da afirmação de Lécio Gomes de Souza de que houve uma “designação primeva de mar de Xaraés” que coube ao Pantanal. Embora sinalizando um possível exagero nessa relação, o autor recorre aos “primeiros navegantes” como responsáveis por ela. E, mesmo afirmando que a expressão “Mar de Xaraés” foi empregada para designar o Pantanal, o autor explica-a pela via da “impressão causada” “pelas inundações exorbitantes” do Pantanal. Isso, em outras palavras, remete-se a mesma impressão de paisagem (“começa a levantar suspeitas”) que, na origem, gerou o mar interior–Pantanal alagado.

1. O primeiro capítulo desta obra denomina-se exatamente “Mar Interior”. Note-se também que a expressão Mar de Xaraés está, no texto do autor, entre aspas. E isso indica comumente (apesar de haver, de maneira geral, outros motivos para sua utilização) uma citação.

O interessante disso tudo é que, com a noção de mar interior para Pantanal, ele não só se caracteriza mais especificamente enquanto geografia, ganhando uma distinção geográfica peculiar e diferente de outros espaços – que no limite pretende dar conta de como efetivamente a região se compõe –, como estabelece conexões, culpa dos viajantes ou não, com os antigos e remotíssimos mares (o primeiro e o segundo), que, aliados a essa idéia, retornam com força e transformam-se eles mesmos no Mar de Xaraés. De certo modo, isso significa dizer que todo e qualquer possível mar que estava presente nas elaborações geológicas transmuta-se no Mar de Xaraés.

Efetivamente, um dos autores que faz essa ponte e ligação entre os mares antigos (glacial ou interiores) e o termo Xaraés, aplicado ao Pantanal – num interessante cruzamento entre tempo–espaço geológico, histórico e imaginativo, juntando mares distintos –, é o escritor Monteiro Lobato. Diz ele:

O que foi Mato Grosso em eras remotíssimas? [...]. Um mar. Um fundo de mar. Isso há milhares de séculos, no período Siluriano. Mato Grosso constitui uma parte do fundo do mar de Xaraés [...]. Lagoas, lagoas e pântanos de água salgada [...] representam a ossada dispersa do velho mar de Xaraés. Nesse mar mediterrâneo, encurralado pelo levantamento dos Andes e pelas barreiras montanhosas, norte-sulinas, do Brasil atual, formou-se um tremendo depósito de petróleo. (Lobato, 1936, p. 21)²

Note-se que, primeiro, objetivamente Lobato tem o Pantanal em mente quando diz Mato Grosso e, mais, um desses dois mares geológicos quando diz “mar de Xaraés”; segundo, esse Mar de Xaraés, para ele, aparece sem nenhuma conexão com a idéia de Pantanal alagado ou com o mar interior dos cronistas.

2. Grifos meus. Para maiores detalhes do envolvimento de Lobato com o a campanha do petróleo e o Pantanal, ver também, do escritor, Mundo da Lua e miscelânea; conferências, artigos e crônicas, e meu artigo, de 1997, “O sonho do petróleo e a serpente das águas cuiabanas: Lobato e o Minhocão”. Em: Revista Polifonia n.º. 3, p. 98-122. Nesse texto, eu já esboço uma busca pelo Mar de Xaraés – Pantanal. Lembro ainda que Lobato, no livro citado, trata o petróleo do Pantanal como “petróleo xaraéense” ou petróleo do Xaraés” (Lobato, op. cit, p. 21-23).

Terceiro, a referência ao período siluriano – localizado em termos de idade entre 438 a 410 milhões de anos – encontra-se dentro do período descrito pela teoria de Derby. E mais, a explícita nomeação do Mar de Xaraés como “mar mediterrâneo”, que ficou “encurralado pelo levantamento dos Andes”, conecta-se intimamente com os mares interiores da geologia, pois “mediterrâneo” originalmente significa “interior” e o levantamento ou soerguimento dos Andes é sempre referência para a formação remota da região. Veja-se que “isto significa que, ao se altearem os Andes, formou-se na região, por afundamento, uma grande fossa e, conseqüentemente, uma farta rede de falhas e fraturas se originou” (Souza, 1973, p. 31).

Portanto, para Lobato, o Mar de Xaraés é (ou foi) o mar interior³ ou os mares interiores da geologia e da formação da região.

Permanecem nessa referência, como identificação objetiva, para esse Mar de Xaraés, a afirmação – pelo “siluriano” – que a região formou-se em “ambiente marítimo glacial”, e os mares interiores – pelo “mediterrâneo” – que se formaram pelo soerguimento do Andes e com a separação da América do Sul e África.

Entretanto, apesar do provável conhecimento do escritor sobre as teorias geológicas da formação da região, o “Mar de Xaraés” de Monteiro Lobato, no Escândalo do petróleo, advém explicitamente do Boletim Comercial do Ministério das Relações Exteriores, publicado no Diário Oficial de 15 de maio de 1936, assinado pelo então ministro Macedo Soares. Veja-se a quase textual proximidade entre o texto do Boletim e o texto de Lobato. Diz o Boletim:

O nosso pantanal é idêntico ao Chaco Boreal, no qual o aparecimento de petróleo provocou a recente guerra do Paraguai com a Bolívia. O Chaco, ou o Pantanal, é o remanescente do

3. Na verdade, o termo “mediterrâneo” liga-se também a uma outra imagem comum para o Mato Grosso, que é a imagem de sertão. Nos desdobramentos dessa pesquisa sobre Xaraés, começo trilhar a busca também dessa imagem. Veja-se: o conceito (sertão) em latim clássico é expresso pelo termo “mediterrânea”, “ou seja, ‘as terras do centro de um país’, ‘as regiões afastadas da costa’”. E a partir do século III passa a indicar “o mar entre a Europa e a África, o antigo Mare Internum”. O mar mediterrâneo (Teles, 2002, p. 300-301).

velho mar de xaraés, um mediterrâneo prehistórico, que enchia todas as terras baixas entre as duas cordilheiras do continente atual. Os últimos vestígios existem ainda nos inúmeros lagos e lagoas de água salgada disseminados nos municípios de Porto Murtinho, Corumbá, Aquidauana, Poconé e Cáceres. (Apud Lobato, 1936, p. 117-119, grifos meus)

No índice específico do que trato aqui, deve-se considerar que a disseminação da noção-imagem Pantanal–Mar de Xaraés (geológico) recebe um relevante impulso, pois o Boletim é publicado no Diário Oficial e o livro de Lobato, o Escândalo do petróleo – no qual o texto do Boletim é reproduzido –, conhece um sucesso raro para esse tipo de literatura. Observe-se que me utilizo da segunda edição, que é de agosto de 1936 – o Diário Oficial “trouxe a lume” o Boletim Comercial do Ministério das Relações Exteriores em 15 de maio do mesmo ano (1936). Embora não tenha ainda conseguido confirmação, tudo leva a crer que a primeira edição tenha sido dos meses anteriores do mesmo ano. Portanto, possivelmente entre junho e julho de 1936. Não há nenhuma indicação do autor-editor de que tenha ocorrido algum acréscimo ou modificação entre uma e outra edição. Isto me leva a considerar que o Boletim estivesse presente na primeira edição do livro. E mesmo considerando-se que as tiragens (da primeira e da segunda edições) tenham sido pequenas, duas edições em poucos meses representam um número significativo de leitores. De todo modo, chamo a atenção para as convergências textuais nos dois trechos e também para, diga-se, a mesma linha de raciocínio. Por exemplo, a presença dos lagos e lagoas de água salgada como “vestígios” do “velho mar de xaraés” (Boletim) e como “ossatura” do mesmo “velho mar de xaraés” (Lobato).

Para o escritor, a afirmação de que a região foi mar ou o “fundo do mar” era extremamente importante, pois boa parte de suas expectativas de petróleo no Brasil estavam assentadas nessa premissa: o Pantanal e o Mato Grosso como o “fundo do mar”. Da antigüidade da crosta terrestre, vinha a possibilidade de sedimentações formadoras de camadas petrolíferas (Leite, 1997, p. 100-107). Monteiro Lobato “cercou-se

de todo um conhecimento e instrumental disponível para empreender a campanha” do petróleo no Brasil (Leite, 1997, p. 102). “Consulta técnicos, convoca engenheiros, reúne capitais e lança-se nesta grande tarefa de descobrir o petróleo brasileiro” (Melloni, 1995, p. 336).

Ao divulgar e recuperar a imagem de Mar de Xaraés–Pantanal, assim como Lécio Gomes de Souza, Lobato não só estipula, de certo modo, uma possível memória e passado da região, como a insere – reelaborando-a – num universo profético. No imbricamento entre um possível passado e um possível futuro. Não se deve perder de vista que as afirmações de Lobato, sobre a existência de petróleo no Pantanal, revestem-se desse caráter profético quando ele relaciona suas expectativas – e a própria campanha do petróleo, com base na premissa de antigüidade do solo como fundo de mar – ao sonho-profecia de Dom Bosco sobre a existência de petróleo entre os graus 15 e 20, região do Pantanal (Leite, 1997, p. 107-111). E projeta para a região e para o Brasil, a partir da descoberta do petróleo, “uma terra próspera com um povo bonito e inteligente” (Melloni, 1995, p. 572). O mesmo sonho-profecia que vai estar na base da construção de Brasília, pelos mesmos motivos de localização geográfica, alguns anos depois (cf. Holston, 1993).

Parece-me que o que permeia, e possibilita, esse jogo – que vai compondo e recompondo imagens, associando idéias, de certo modo distintas – é uma espécie de presença inerente de contigüidade reversiva, ou ampliativa, na qual sempre uma coisa transforma-se na outra. Muito presente principalmente quando se trata da natureza, de sua evolução e movimentos. Quando mais se se considerar que se está diante de uma natureza profundamente barroca. Diria o escritor cubano Lezama Lima: “na paisagem das Américas [...] o barroco é a natureza” (Lima, 1981, p. 134, apud Pinheiro, 2002, p. 335). Trabalho aqui a idéia de natureza barroca conforme alguns escritores e estudiosos a definiram para a natureza latino-americana. Nesse sentido, há duas questões a ser apontadas. A primeira é que não se trata da idéia – considerada um “erro fundamental” para Alejo Carpentier – de que o “Barroco é uma criação

do século XVII". Portanto, de certo modo, não se trata apenas do período literário conhecido como Barroco e que se configura no século XVII. Para Carpentier, referindo-se às concepções de Eugenio D'Ors, "é preciso ver no barroco uma espécie de força criadora, que retorna ciclicamente ao longo de toda a história das manifestações artísticas, tanto literárias, quanto plásticas, arquitetônicas ou musicais [...]. O barroquismo deve ser visto [...] como uma constante humana" (Carpentier, 1987, p. 111). Ainda para o escritor cubano, "o barroco [...] manifesta-se onde há transformação, mutação, inovação [...]. Portanto, o barroquismo está sempre em posição de vanguarda e costuma expandir-se no momento máximo de uma civilização ou quando vai nascer uma nova ordem na sociedade. Pode ser culminação como pode ser premonição" (Carpentier, 1987, p. 118-119). A segunda questão refere-se à forma de se colocar diante dessa natureza, que exige uma forma de pensamento, de certo modo, também barroco. Diz Amalio Pinheiro, sobre Euclides da Cunha e Os sertões:

Euclides não patenteava em teoria aquilo que, experimentalmente, os vieses caboclo-arcaico-barroquizantes de sua escritura, digamos gráfico-geológica abalroavam: o fato de que as sociedades mestiças que analisava e palmilhava eram compostas por séries culturais (culinária, mobiliário, repostaria, louçaria, arquitetura, espaços urbano-paisagísticos, etc) de objetos em mosaico móvel (igreja/ouro/luz, voz/sílaba/fruta, etc.) formadas de uma textura de dobras e redobras para a leitura das quais se necessita um pensamento também mestiço. (Pinheiro, 2002, p. 332)

Para Carpentier, a América Latina é "a terra eleita pelo barroco". Isso porque

toda simbiose, toda mestiçagem, engendra um barroquismo. O barroco americano se alia à 'criolledad', ao sentido do crioulo, à consciência pelo homem americano, seja filho do branco europeu, seja filho do negro africano, seja filho do índio nascido no continente [...] a consciência de ser outra coisa, de ser uma coisa nova, ser uma simbiose, de ser um crioulo; e o espírito crioulo já é por si mesmo um espírito barroco. (Carpentier, 1987, p. 121)

Mais recentemente, voltando ao Mar de Xaraés, a antropóloga Denise Maldí vai elaborar, embora de maneira diferente de Lobato, essa conjunção Pantanal–Mar de Xaraés. Para ela:

Na crônica da ocupação das regiões banhadas pelo rio Paraguai, o Pantanal era o mar, e mais: um mar guardado por uma sociedade numerosa, rica e pacífica: os Xarayés. [...] Não se sabe se a denominação 'Mar dos Xarayés', constante de mapas setecentistas e oitocentistas, foi cunhada a partir dessas crônicas para designar a planície pantaneira. Mas a paisagem, em si mesma, lembra o mar. (Maldí, 1995, p. 95-96)⁴

Percebe-se que, diferentemente de Monteiro Lobato, Denise Maldí não só aponta possíveis fontes onde essas imagens estariam associadas – "na crônica da ocupação" –, como explicitamente conecta a imagem de Pantanal alagado à de Mar de Xaraés. O que, para ela, não tem nada a ver com o mar glacial siluriano/Xaraés, de Lobato. Evidentemente, a expressão Mar de Xaraés – embora se referindo sempre, de certo modo, a Pantanal – significa mares diferentes e deslindados entre si para cada um desses autores. Entretanto, esse mar tem a ver com o "Mar de Xaraés–Pantanal" de Lécio Gomes, a partir da referência à crônica de ocupação e pelo mesmo motivo com o mar interior de Moura. Veja-se como, com exceção de Lobato, os outros três autores ligam, de algum modo, a idéia de Pantanal alagado ou a mar interior (na crônica inicial/Moura) ou a Mar de Xaraés (na crônica inicial/Souza/Maldí). Em Denise Maldí, a explicação para o termo Xaraés é: os índios que ocupavam a região.

No texto da antropóloga, o único cronista-viajante citado é o espanhol Cabeça de Vaca,⁵ relatando, com auxílio de Pedro Hernandes, sobre os índios Xarayés – e em uma passagem que não faz nenhuma referência a mar. Embora, muito significativo aqui, seja preciso ressaltar que, no texto de Cabeça de Vaca – em uma parte que Maldí não cita –, apareça, ainda que diluída, essa referência. Diz ele sobre as terras

4. Os primeiros grifos são da autora, em "constante de mapas" é meu.

5. O único também a constar na bibliografia final do artigo de Maldí.

dos índios Xarayés: “As águas chegam a subir até seis braças por cima das barrancas e se estendem por toda a planície terra adentro, parecendo um mar” (Cabeza de Vaca, 1987, p. 193-194).

Também preciso chamar a atenção para o fato de que, na edição citada pela autora, na página 122, abrindo o capítulo I, de “comentários”, aparece a reprodução de um mapa, sem qualquer fonte ou referência, que indica a rota de Cabeça de Vaca e Hermando de Ribeira, onde a região entre o Rio Taquari, Rio Cuiabá, Corumbá e São Luís aparece como “Pântanos Xaraiés”.

É possível pensar que o texto de Cabeça de Vaca funcione, nesse aspecto e na passagem citada por Maldini, como uma espécie de texto-síntese dos relatos dos viajantes do período. Nele não aparece exatamente a expressão Mar de Xaraés ou mar interior, mas a imagem mar como ponto referencial para relatar, descrever, explicar a região. Vale lembrar que, na Relação da viagem entre São Paulo e Cuiabá, em 1751, Rolim de Moura, ao atravessar uma das baías do Pantanal, teve a sensação de estar no “porto de Lisboa” pelas ondas e pela largura da baía (Moura, 1982, p. 28). No entanto, para Rolim de Moura, trata-se de “pantanais” e do “largo do Xaraés”:

A 17 [dia] entrei no Paraguai Grande, um dos maiores rios da América. [...] Por detrás de suas margens, tanto de uma, como de outra, parte, são pantanais e baías muito largas [...]. Em uma delas me afirmou um prático havia marchado em uma canoa doze dias para chegar à terra firme, [...], pelo que me parece que o largo do Xaraés propriamente começa no fim do Taquari [...]. (Moura, 1982, p. 24)

No que diz respeito à questão da imagem, na crônica inicial, sobre a América Latina – é do que se trata quando se faz referência aos primeiros cronistas do Pantanal, entre eles Cabeça de Vaca –, Lezama Lima aponta uma “ambivalência entre o que realmente tinham visto e o que iam relatar”.

A imaginação vai estabelecendo as semelhanças, mas o tato e a visão alcançam particularidades e os novos primores. Na América, nos

primeiros anos da conquista, a imaginação não foi a ‘louca da casa’, mas um princípio de agrupamento, de reconhecimento e de legítima diferenciação. [...] O cronista [...] tira suas imagens já feitas e a nova paisagem as fende. O senhor barroco começa a sua retorcedura ancorada nos fabulários e nos ritos gregolatinos, mas logo a incorporação dos elementos fitomorfos e zoomorfos, que estão espreitando [...], criam novos fabulários que outorgam uma nova gravitação à sua obra. (Lima, 1979, p. 481-484)

Essa noção de imagem, e suas implicações para a América Latina, é importante porque cria para os primeiros cronistas, e seus relatos, princípios de similitude e diferenciação diante do Novo Mundo. Em outras palavras, os viajantes-cronistas, ao se defrontarem com a paisagem americana, buscaram inicialmente, para apreendê-la e compreendê-la, a similaridade com as suas próprias paisagens (européias-ocidentais, no caso), mas a nova paisagem aceita só até certo ponto as similitudes, exigindo, pelos “elementos [da paisagem americana] que estão espreitando”, o termo de diferenciação. Ou seja, grosso modo, uma paisagem que os cronistas desenham no jogo entre um é – um ser, em tese, conhecido – e um não é – desconhecido – ao mesmo tempo. Para alguns estudiosos, no descobrimento e no processo de colonização:

Para los europeos no podía resultar fácil el captar la nueva realidad de América y pasar del concepto de islas asiáticas, ampliamente extendido a lo largo de la Edad Media, al nuevo continente. El proceso de asimilación de la idea de América, tenía que ser forzosamente lento porque implicaba la necesidad de reajustar toda la concepción simbólico-religiosa del Universo, propia de la época [...]. Todavía en la segunda mitad del século, el pensamiento ilustrado encontraba serias dificultades a la hora de situar la realidad americana en el contexto de la cultura occidental. [...] El que la realidad del Nuevo Mundo no fuera como se esperaba, no era pues, cuestión fácil de asimilar y, con ello, los viejos mitos se resistieron a desaparecer porque su eliminación hubiera supuesto la ruptura con un imaginario colectivo que era básico en los esquemas universalistas de la cultura europea. En el descubrimiento, conquista y colonización de América el valor de los mitos antiguos y el

carácter utópico de su territorio son hechos de una entidad fundamental: la geografía de las Amazonas abarca prácticamente a todo el continente y su búsqueda originó las mas diversas expediciones [...]. (Caballero, 1993, p. 255-261)

É uma longa citação, mas tem propósitos bem definidos no sentido de exemplificar algumas questões pertinentes à documentação (e sua produção) referente aos primeiros cronistas da América. Pelo que se vê, ao se considerar essas fontes, não se pode ignorar que todos esses elementos imaginários permeiam, e estão nela presentes, a crônica de ocupação. Daí que, nesse caso,

las crónicas de la conquista, a las que se les ha reprochado con frecuencia el recoger elementos fantásticos, propios de la narrativa de ficción y ajenos por lo tanto al discurso histórico; pero [...] el concepto de 'verdad histórica' toma elementos muy diversos y admite diversos puntos de vista. Es necesario considerar que a la realidad histórica en las crónicas es plural y que todos los elementos han de ser tenidos en cuenta se si quiere acceder a un conocimiento global de la realidad histórica y cultural hispanoamericana. (Caballero, 1993, p. 263)

Para Alejo Carpentier, a América:

alimenta y conserva los mitos con los prestigios de su virginidad, con las proporciones de paisaje, con su perenne 'revelación de formas' – revelación que dejó atónita, no hay que olvidarlo, la España de la Conquista [...]. (Carpentier, 1981, p. 70)

E o escritor cubano acrescenta:

Y no se me diga que hablar de la virginidad de América es lugar común de una nueva retórica americanista. Ahora me encuentro ante un género de paisaje que 'veo por vez primeira [...]'. (Carpentier, idem, ibidem)

Assim, esses autores estipulam que o campo imaginário e a nova paisagem, quando da chegada do "homem hispânico à América", estabelecem uma "relação da interpretação e nomeação daquela nova realidade" primeiramente, "pelo ramal da 'semelhança com

prudência', para que, posteriormente, fossem marcadas as diferenças entre seres e coisas de aquém e além mar" (Nunes, 1993, p. 268).

Para Irleamar Chiampi, nesse mesmo aspecto:

Os antecedentes fabulosos prefiguram o discurso americano, mas seu começo é, a rigor, aquele interpretante forjado no momento do Descobrimento e da conquista, pelos cronistas do Novo Mundo. Com eles se inicia o conceito de 'maravilha' – recolhido das antigas tradições e rejuvenescido no fulgurante momento em que a América se torna um referente real. A significação eufórica da América para o homem europeu, que vai desde o espetacular impacto do Descobrimento até pelo menos os fins do século XVIII, faz-se pela incorporação de mitos e lendas dos testemunhos narrados dos primeiros viajantes. São freqüentes nos cronistas expressões como 'encantamento', 'sonho', 'maravilha', 'não sei como contar', 'faltam-me palavras' que, se bem denotam o assombro natural diante do desconhecido, refletem também a falta de referencia para os novos objetos, seres e fenômenos. [...] Na linguagem cronística, o símil, a metáfora, a hipérbole e mesmo as reticências cumpriram a função retórica de descrever frutas ou animais [paisagens] dos trópicos [...]. [...] é admirável que seus relatos tenham conseguido criar um significado consistente e perdurável sobre o Novo Mundo. O significante 'maravilhoso' ostenta o complexo significado que os fatos, seres e objetos assumiram para os cronistas. Nomear a realidade como maravilha veio a ser a solução (para bem ou para mal) para a tarefa contingente de sistematizar, de dar forma ao conjunto plural e informe de conteúdos do mundo recém ingressado na história. (Chiampi, 1980, p. 99-101)

Retornarei logo à frente esse ponto e suas conseqüências em relação à idéia de Mar de Xaraés.

No caso da antropóloga Denise Maldí, mesmo se referindo às crônicas de ocupação e a uma cartografia que descreve geograficamente a região do Pantanal – e até mesmo datando-as –, na qual se encontraria a expressão "Mar de Xaraés", a antropóloga recorre muito mais às impressões de mar que a paisagem gera do que propriamente a essas crônicas. Veja-se:

apesar de afirmar que a “denominação mar de Xarayés” consta em mapas setecentistas e oitocentistas e que existe uma crônica de ocupação da região na qual a expressão mar – “guardado” pelos índios Xarayes – designa o Pantanal, ela aponta dúvida ou incerteza quanto à cunhagem da expressão “Mar de Xarayes” entre os cronistas. Diz ela:

Não se sabe se a denominação ‘Mar dos Xarayés’, constante de mapas setecentistas e oitocentistas, foi cunhada a partir dessas crônicas para designar a planície pantaneira. Mas a paisagem, em si mesma, lembra o mar. (Maldi, 1995, p. 95-96, grifos meus)

Embora repetindo a citação, retêm-se aqui dois pontos: primeiro, para a autora, não há certeza que a expressão “Mar de Xaraés” tenha sido “cunhada a partir das crônicas”; e, segundo, (quase contraditória) a expressão consta em “mapas setecentistas e oitocentistas”, o que, por si só, já representa uma “cunhagem” do termo. De todo modo, o grande argumento utilizado por Maldí, para resolver essa questão – que na sua elaboração de texto deixa transparecer, de certo modo, conhecimento das complicações internas do termo –, é: “a paisagem”-Pantanal “em si mesma lembra o mar”. A certeza de que essa impressão, de mar, é tão contundente e óbvia, que a autora vai exatamente na seqüência imediata citar um fragmento de texto, de Arne Sucksdorff, introduzindo a citação da seguinte forma: “a paisagem em si mesma lembra o mar, conforme a descreve Arne Sucksdorff”. Nessa passagem, Arne Sucksdorff fala das muitas águas do Pantanal, lagos, corixos, rios, mas, em nenhum momento, em mar, ou impressão de mar. São as muitas águas e seus volumes que geram essa impressão para o Pantanal, segundo a antropóloga, para Sucksdorff e, sem dúvida, para ela mesma. É curiosa a citação, pela antropóloga, do cineasta, pois desloca o cerne argumentativo dos cronistas e a cunhagem da expressão Mar de Xaraés para a impressão que a paisagem evoca ou provoca. Em outras palavras, o foco central do argumento passa a ser as muitas águas do Pantanal e não mais a presença da expressão Mar de Xaraés na crônica de ocupação, que se torna secundária

ou até mesmo desnecessária diante do fato de que a “paisagem em si mesma lembra o mar”.

Por toda a discussão anterior sobre as relações entre a nova paisagem americana e as crônicas de ocupação – e, principalmente, pela minha opção na maneira de observar os textos-documentos dos autores aqui analisados sobre essa questão –, não considero, em nenhum momento, que houve um equívoco ou “erro” da autora em relação a isso. O fato de que, possivelmente em termos de documentos históricos (e todas as suas implicações já apontadas), não apareça a indicação explícita “Mar de Xaraés/Pantanal” não significa, como espero ter demonstrado, que essa idéia – por outros e vários meios – não estivesse rondando por perto – se misturando aos outros mares que, de uma forma ou de outra, se conectam com Pantanal – e que num determinado momento se configurou como algo aceite e unânime para o imaginário geral da região. Embora referindo-se a uma crônica da ocupação como fonte, a tranqüilidade e segurança com as quais a antropóloga recorre, como argumento de autoridade, às impressões da paisagem mar-Pantanal levam-me a inferir uma tranqüilidade e segurança que se deslocam da necessidade de comprovação argumentativa para a de nenhuma possibilidade de estranhamento dessa idéia por seus leitores.⁶ Uma tranqüilidade e segurança que se deslizam para uma certeza da idéia aceita e compartilhada de maneira geral.

O ponto em comum entre os três autores (Moura/Lécio Gomes/Denise Maldí) que conecta essas idéias – ou de mar interior ou de Mar de Xaraés à de Pantanal (não consideradas aqui como equívoco) – é que os três referem-se à crônica da ocupação da região como fonte dessa junção e geradora dessa imagem. E, mais, essa junção, além de misturar as imagens (de mar interior–Pantanal alagado com de Mar de Xaraés–Pantanal alagado), fixa-se exatamente, para os três autores, não necessariamente na presença concreta dela no registro dos cronistas, mas na recorrência de sua explicação, e

⁶ Esse artigo foi publicado na Revista Mato-grossense de Geografia, da editora da Universidade Federal de Mato Grosso, em 1995. O que significa, em essência, um público leitor universitário e de pares acadêmicos.

existência, por meio da impressão da paisagem Pantanal alagado. Impressão que pode rondar a crônica de ocupação, como também a imaginação dos pesquisadores. Daí, portanto, no limite, ser possível afirmar que tanto a idéia-imagem de mar interior–Pantanal quanto a de Mar de Xaraés–Pantanal (que se imbricam) são imagens engendradas por um mesmo veio comum de mútua e recíproca influência. Por um lado, fundada na leitura e interpretação posterior da, e sobre a, crônica de ocupação. Estabelecida na inferência (impressão de leitura) de que o Pantanal causou essa impressão de mar nos viajantes. Há mais uma coisa: é possível – utilizando a elaboração, de Lezama Lima e os outros autores citados, de imagem engendrada para a América Latina nos textos dos primeiros cronistas – considerar que a imagem de mar não estivesse configurada exatamente nesses textos, mas fosse um elemento, e termo, de comparação (princípio metafórico) de suas paisagens familiares, para a nova paisagem americana. Um entrelugar entre a paisagem e a linguagem, entre o espaço observado e o “não sei como contar” e o “me faltam palavras” dos viajantes. Uma paisagem-imagem decorrente do cruzamento entre uma já feita e conhecida (mar) que a “nova paisagem” Pantanal alagado aceita inicialmente, mas posteriormente – sem recusar – “fende”. Ou seja, grosso modo, uma paisagem que não é o mar, mas ainda não se sabe o que é. Então, como defini-la, ou narrá-la para que se tenha alguma idéia do ela é? Ela parece um mar, lembra um mar... E, nesse caso, mar traduz-se na explicação, na garantia de entendimento e reconhecimento, de que se trata de um espaço, entre outras coisas, com imenso volume de água. Imensidão e água associadas evocam sempre a imagem de mar. Daí, o Pantanal alagado não é o mar, mas parece o mar! Por outro lado, no jogo mútuo de influências, essa impressão de mar dos cronistas, diante da paisagem, pode ter infiltrado-se nos pesquisadores – já de certo modo predispostos a ela, por suas próprias impressões da paisagem – e direcionado as leituras dos relatos. A utilização da imagem mar em comparação ao Pantanal efetivamente aparece em pelo menos dois cronistas, Cabeça de Vaca, como se viu, e, posteriormente e no mesmo contexto, em Rolim de Moura. E, assim

como a antropóloga Denise Maldini, Lécio Gomes afirma que o Pantanal foi “antes denominado de mar de Xaraés pelos antigos exploradores”. E se pergunta: “por que a designação de ‘mar’ dada desde as primeiras penetrações?”. Responde à questão da seguinte forma:

Tudo leva a crer não estar assentada na época a teoria da preexistência de um mar interior, que levasse a manter por tradição a nomenclatura. De outra parte, mesmo que um acúmulo extraordinário de massa líquida despertasse de modo especial o espanto dos navegadores, ‘lagoa’ seria, sem exagero, a expressão mais adequada, que aliás viria a substituir a de ‘mar’ nos trabalhos cartográficos posteriores. (Souza, 1973, p. 25)

Há pontos complexos para deslindar aqui. Primeiro, o autor, como se viu, também afirma a existência da expressão Mar de Xaraés, “nos antigos exploradores”; segundo, questiona-se sobre o porquê dela; e nesse por que (respondendo-se) descarta, corretamente a meu ver, a possibilidade de sua colagem e relações (para a época) com o conhecimento da idéia de mar interior advindas das teorias geológicas para a região; e, por último, descarta inclusive a minha hipótese de impressão da paisagem de mar nos cronistas. Encaminha a impressão da paisagem, nos cronistas, pelo “acúmulo extraordinário de massa líquida” do Pantanal não para a expressão mar, mas para a expressão “lagoa”, como termo “mais adequado”. E afirma que é esse último que “vai substituir” o de mar nos “trabalhos cartográficos posteriores.” Trilha que vai ser comprovada pelo trabalho e pelas pesquisas da historiadora Maria de Fátima Costa. Nesse sentido, nas afirmações desse – para mim – perigoso trecho-texto-armadilha, é preciso observar que, ao trazer à tona o termo “Mar de Xaraés”, o autor demonstra aparentemente que o encontrou em suas leituras de textos e mapas dos cronistas. E aponta que essa expressão foi posteriormente substituída pela de Lagoa de Xaraés.

Um dos pontos que não se pode perder aqui é que a futura, ou posterior, cunhagem (nos cronistas) da expressão lagoa, substituindo a de mar, pode ter direcionado a leitura, interpretação e afirmação de Lécio Gomes de que o termo

lagoa era mais adequado mesmo diante da impressão da paisagem, mesmo com o exagerado volume d'água. Mas há mais coisas. Pela construção textual do autor, não pairam dúvidas de que ele, assim como os outros citados, encontrou, nos textos da crônica de ocupação, a expressão Mar de Xaraés. Isso quer dizer que ele teve conhecimento dos textos e mapas e que neles viu a expressão "Mar de Xaraés". Ocorre que na bibliografia final de seu livro, de um conjunto de 42 autores, apenas seis podem ser categorizados como "cronistas-viajantes" e cinco apresentam relatos de viagens do século XIX. Quando, segundo consta, o termo Pantanal já era corrente e já havia "eclipsado" o termo lagoa (não mar) de Xaraés. Um único cronista-viajante do século XVIII: Ignácio de Pasos. Bem, isso nos leva a duas outras pontas da questão: primeiro, ou um desses seis cronistas do século XIX cita ou refere-se à existência do termo Mar de Xaraés nos seus antecessores; ou um dos outros 36 autores faz o mesmo, cita ou refere-se a uma crônica inicial na qual teria visto a expressão. Independentemente de qualquer outra complicação, só esse fato leva à possibilidade de uma leitura da leitura. Ou seja, o autor estaria trabalhando não com os textos efetivamente, mas já com uma interpretação deles.

Esse modelo de leitura e interpretação da crônica de ocupação do Pantanal fica mais claro se se juntar a um empréstimo, e dilatação, dos processos de elaboração de metáfora no barroco hispânico e neobarroco latino-americano. Num texto emblemático sobre esse processo, Severo Sarduy comenta que a "melhor expressão desse processo" de "festim barroco" é a "artificialização". Trata-se de um "processo de mascaramento, de envolvimento progressivo, de irrisão" que exige para "desmontá-lo" uma "operação análoga ao que Chomsky denomina de metalinguagem". A idéia básica aqui é que, em algum autores (Góngora nesse momento específico para Sarduy), a metáfora é

por si, metalinguística, isso é, eleva ao quadrado um nível já elaborado de linguagem, o das metáforas poéticas, que por sua vez supõem ser a elaboração de um primeiro nível denotativo, 'normal' da linguagem. (Sarduy, 1979, p. 163)

Esse jogo de "artificialização" das metáforas vai basicamente compor-se de três processos nos escritores e nas artes latino-americanas em geral: "a substituição", "a proliferação" e "a condensação". Interessa-me aqui mais diretamente o de processo de proliferação. Esse "mecanismo" de artificialização do barroco:

é o que consiste em obliterar o significante de um determinado significado, mas sem substituí-lo por outro, por mais distante que este se encontre do primeiro, mas por uma cadeia de significantes que progride metonimicamente e que termina circunscrevendo o significante ausente, traçando uma órbita ao redor dele, órbita de cuja leitura – que chamaríamos de leitura radical – podemos inferi-lo. Ao implantar-se na América e ao incorporar outros materiais lingüísticos – refiro-me a todas as linguagens, verbais ou não –, ao dispor dos elementos com frequência multicores que a aculturação lhe oferecia, de outros extratos culturais, o funcionamento desse mecanismo do barroco tornou-se mais explícito. (Sarduy, 1979, p. 164-165)

Estrito senso, esse mecanismo de proliferação aceita que o significante esteja ausente sem, contudo, diluir-se ou perder-se enquanto significado. Presente pela cadeia de outros significantes que, no conjunto, geram aquele significado, em tese, ausente. Apesar de Severo Sarduy tratar da metáfora, proliferação etc, no contexto específico da literatura, das artes e da arquitetura hispano-americanas, (e até por isso mesmo) é possível, na dilatação e empréstimo que proponho, estabelecer que esse mecanismo esteja, de certo modo, presente numa maneira de pensar e entrever o mundo mais geral da América Latina. Se, por um lado, o processo e o mecanismo explicitam-se e tomam formas artísticas radicalizando-se em textos literários, esculturas, pinturas e na arquitetura – possibilitando o seu desvendamento –, o princípio básico dele pode estar inserido, de maneira diluída ou em embrião, no pensamento geral dos povos aqui engendrados. E isso não exclui ou exime os pesquisadores. Ora, acabei de observar, a propósito dos mares interior e de Xaraés, que, de algum modo, o procedimento de leitura da

crônica de ocupação pode se inserir nesse mecanismo de “proliferação”. E o texto de Denise Maldini, na elaboração da idéia de Mar de Xaraés, procede muito diretamente nesse sentido quando, evocando a impressão da paisagem Pantanal alagado, refere-se ao Mar de Xaraés, buscando corroborar essa idéia e o reforço dela no texto de Arne Sucksdorff, no qual o significante “mar” está ausente, mas na cadeia metonímica que Sucksdorff estabelece entre os outros significantes – “rios”, “corixos”, “cursos d’água”, “lagos” e “espelhos aquáticos” – o significado ausente (mar) configura-se. Vale lembrar aqui o processo análogo utilizado por Monteiro Lobato (e pelo Boletim do Ministério das Relações Exteriores) quando se refere ao Mar de Xaraés. Veja-se: “lagos, lagoas, e pântanos de água salgada – e toda a imensa área alagadiça do sul [...] – representam a ossada dispersa do velho mar de xaraés” (Lobato, 1936, p. 21). Embora, nesse caso, o referente-significado mar esteja presente (“velho mar de xaraés”), a cadeia semântica e metonímica do significado sustenta-se por outros significantes: “lagos, lagoas” etc. São esses outros significantes que “representam a ossada dispersa do velho mar de xaraés”. No limite, esse Mar de Xaraés só se compõe enquanto significado a partir da cadeia estipulada pelos outros significantes. Mar-memória: nos significantes atuais (lagos etc) a presença do antigo Xaraés.

Antes de deslindar esses nós, é importante trazer à tona, pelo menos como fator de localização, um aspecto que muito recentemente tem se manifestado, ainda que de maneira incipiente, em alguns estudos e estudiosos locais ou regionais. Para os pesquisadores (ou até mesmo para a crônica da ocupação), pode haver outras implicações: trata-se da elaboração de uma “região” em todos os graus e desdobramentos que isso contemporaneamente incorpora. Na ampliação desse sentido, o parâmetro comparativo mar posiciona-se num outro essencial pólo: o de alterar o estatuto geográfico-simbólico do termo comparado. A alteração geográfico-simbólica insere o comparado “Pantanal” numa categoria ou campo de melhor qualificação geográfica inerente ao termo do comparativo mar. Já não se trata apenas da

criação de uma imagem pelo princípio da comparação, mas fundamentalmente pelo princípio da valorização da região. Já se revelou que o “discurso da história regional participa da ‘luta de representações’ de duas formas”:

a primeira dentro do próprio campo de fixação de seu objeto, melhor, a fixação de seu objeto já é um campo de luta com outras disciplinas, ou uma disputa com outro campo do mesmo discurso da história regional, que se ocupa de ‘regiões geográficas’ fronteiriças. Segunda forma, na tentativa de objetivação científica do discurso regionalista criando um suporte, autorizado pelo ‘capital simbólico’ de legitimação investido na figura do historiador. (Arruda, 2000, p. 23)

O debate mais contemporâneo sobre região envolve discussões que se estendem para além da geografia. Implica noções como identidade cultural, regionalismo e embates epistemológicos. Para a própria geografia, a noção é problemática e fluida (Lecione, 1999), prestando-se a “mistificações” de toda ordem. Segundo Durval Albuquerque, a “região não é uma unidade que contém uma diversidade, mas um produto de uma operação de homogeneização, que se dá na luta com as forças que dominam outros espaços regionais, por isso ela é aberta, móvel e atravessada por diferentes relações de poder”. Para esse historiador, que desierarquizou os documentos – sem fazer “diferença entre um filme, uma poesia, uma música ou um artigo de jornal” –, esses discursos são “produtores da realidade e ao mesmo tempo produzidos em determinadas condições históricas” (Albuquerque, 2001, p. 26).

Nesse sentido, é possível distender essas afirmações, aplicando-as para além do campo historiográfico específico, e inserindo-as no discurso da construção da paisagem, para o conjunto de textos que, de algum modo e em algum momento, elaboraram o espaço Pantanal.

No campo mais restrito ao que se discute aqui, também é importante reter, e incorporar, outros aspectos nessa questão. Veja-se:

Hoje se chama a região [...] genericamente de Pantanal. No entanto, a imensa planície inundável foi, durante muito tempo, espaço

privilegiado para sonhos concebidos sobre uma realidade desconhecida. Durante séculos, foi descrita em textos e representada em mapas como a fabulosa Laguna de los Xarayes, lugar de onde vertiam as águas do grande rio Paraguai. Este mito geográfico sobreviveu até meados do século XVIII. Durante este tempo, Xarayes foi uma imagem constante nos relatos e mapas europeus. Esta lagoa, ou lago, transformou-se na representação mais significativa da bacia do Alto Paraguai naqueles séculos, e a figuração mais recorrente das projeções encantadas criadas a partir dos primeiros narradores: um lugar fabulosamente imaginado, criado e representado. (Costa, 1999, p. 131)

Fundamental, nesse momento, é não perder de vista alguns pontos. O primeiro deles é que efetivamente, como se vê acima, Xaraés e Pantanal são desde o século XVI o mesmo espaço geográfico e somente com os cronistas portugueses, no século XVIII, é que a imagem Pantanal substitui Xarayes. Segundo, desde seu momento inicial, na crônica seiscentista, ele aparece atrelado a uma aura mítica e fabulosa em virtude de suas próprias e peculiares características geográficas. Portanto, um espaço instigante da imaginação. Como já disse Bachelard: “O espaço convida à ação, e antes da ação a imaginação trabalha” (Bachelard, 1998, p. 31). E, terceiro, a própria cunhagem da expressão Lagoa de Xarayes, no século XVII por Antonio Herrera, para essa região dá-se “a partir das interpretações das narrativas” (Costa, 1999, p. 136).

Pode-se considerar que, afinal, essas imagens de mares presentes, ou não, explicitamente nos cronistas-viajantes, somadas à expressão Xarayes, vinculada sempre, de um modo ou de outro, a Pantanal, e acrescidas de uma vaga e circundante – ou explicitada, como aparece no texto de Cabeça de Vaca e Rolim de Moura – impressão da paisagem como mar tenham, de alguma maneira, possibilitado uma confluência geradora da ideia de Mar de Xaraés para Pantanal. Derivada muito mais das impressões da paisagem na imaginação, muito mais do campo semântico-simbólico adjacente do que propriamente da necessidade de efetivamente alguém (algum cronista-viajante,

por exemplo) ter criado, ou explicitamente se referido, ao termo Mar de Xaraés. Afinal, “as dimensões continentais das paisagens brasileiras se caracterizam, em primeiro lugar, pela imensidão” (Maldi, 1995, p. 98). Para o imaginário, as imagens de mar e imensidão se juntam, e “a imensidão está em nós” (Bachelard, 1998, p. 190). E, também,

A experiência da imagem anterior à da palavra vem enraizar-se no corpo. [...] o ser vivo tem a partir do olho as formas do sol, do mar do céu. O perfil, a dimensão, a cor. A imagem é um modo da presença que tende a suprir o contato direto e a manter, juntas, a realidade do objeto em si e a sua existência em nós. O ato de ver apanha não só a aparência da coisa, mas alguma coisa entre nós e essa aparência [...]. A imagem pode ser retida e depois suscitada pela reminiscência ou pelo sonho. Com a retentiva começa a correr aquele processo de co-existência de tempos que marca a ação da memória: o agora refaz o passado e convive com ele. (Bosi, 1990, p. 31)

Desse modo, a imagem e a paisagem parecem dividir um território próximo ou quase comum porque:

Uma paisagem se apresenta como um quebra cabeças: colinas, rochedos, vales, árvores, barrancos. Essa desordem possui um sentido oculto; não é uma justaposição de formas diferentes, mas a reunião em um lugar de distintos tempos-espacos: as capas geológicas. Como a linguagem, a paisagem é diacrônica e sincrônica ao mesmo tempo: é a história condensada das idades terrestres e é também um entrelaçado de relações. (Paz, 1993, p. 9)

Nessa aproximação estipulada entre imagem e paisagem:

A imagem mental ou inscrita entretém com o visível uma dupla relação que os verbos ‘aparecer’ e ‘parecer’ ilustram cabalmente. O objeto dá-se, aparece, abre-se (lat. *apparet*) à visão, entrega-se a nós enquanto aparência: esta é a *imago* primordial que temos dele. Em seguida, com a reprodução da aparência, esta se parece com o que nos apareceu. Da aparência à parecença: momentos contíguos que a linguagem mantém próximos. (Bosi, 1990, p.14)

Assim, o mar-imagem-paisagem de Xaraés ressurgiu, em vários momentos, historicizando a imaginação em suas convergências e ondas. Requisita a necessidade da adaptação entre o similar e o estranho, entre o comparado e o comparável, entre o mesmo e o outro, entre o conhecido e o desconhecido. Em essência, entre a necessidade de engendramento de um olhar e de uma linguagem mista, mas específica sobre, e para, a paisagem.

Como essas idéias circularam e deslizaram desse, e nesse, campo das teorias geológicas, das discussões históricas e antropológicas para a difusão entre o imaginário do senso comum da população, é impossível precisar e só mesmo um outro trabalho com outras fontes de pesquisa pudesse talvez averiguar. Mas, de todo modo, o que mais me interessou aqui foi rastrear, e localizar, em alguns textos, a existência dessas noções distintas, a princípio, e elaborar uma esfera de junção. Isso porque mobiliza-me intensamente a perspectiva de elaboração dessa idéia Mar de Xaraés como uma das imagens, apesar de todas as nuances e implicações, que se engendrou para o Pantanal. Talvez uma imagem muito mais no rebojo entre as imagens do que num único pólo, as imagens são essencialmente variacionais (Bachelard, 1988, p. 3). Uma idéia-síntese diante do Pantanal. Uma idéia de paisagem que instiga a imaginação dentro da própria esfera do científico. No jogo entre o imaginário e a paisagem, a expressão Mar de Xaraés não foi cunhada por nenhum cronista-viajante, mas sim pela impressão – comparativa e, no limite, poética – da paisagem, impressa nos textos dos cronistas, e suas posteriores interpretações; impressa também nos pesquisadores contemporâneos diante do fato poético-geográfico da imaginação de que a paisagem, em si mesma, lembra o mar. “A imagem poética, em sua novidade, abre o porvir da linguagem” (Bachelard, 1988, p. 3). Uma imagem elaborada talvez muito mais do impacto poético da paisagem do que da geografia dela. Nesse sentido, essa imagem elabora entrecruzamentos essenciais para a minha perspectiva de pensar o espaço-paisagem-Pantanal. Uma imagem-espaço desse “incessante mar que na afável manhã segue sulcando a areia infundável” (Borges, 1999, p. 531).

Seja como for, essa imagem é ainda presente e faz parte de uma das idéias de Pantanal e de Mato Grosso. É, sobretudo, uma paisagem-Pantanal. Destinada, talvez, a “modificar nossa imagem do mundo e do homem” (Paz, 1993, p. 10).

Abstract: It has been already proved that the early occupation chronicle of the current region of Matogrossense Pantanal, in the midst of the XVI and XVIII centuries, did not breed the expression “Mar de Xaraés”. This does not mean that the traveler-chroniclers, in their reportings or maps, have not used that expression to designate-outline the region. However, oddly, in many studies – older or more recent ones – about the Pantanal, that expression appears and, according to the scholars, it has been used and printed by that early chronicle. In this paper, I depart on a trip on the waves of this “nonexistent” sea searching for its possible forms of “existence”. Conducting the studies through Geology, Geography, Anthropology, History and Literature, I try to understand the imaginary and geographical factors that lead the authors and scholars not just to confirm the presence of that expression (of this geography) in the early chronicle – without it appearing in fact in those reportings or maps – but also to discover which elements may be permeating the recurring use of that image in the researches about the Pantanal.

Keywords: pantanal, imaginary, nature, culture.

Referências

- ARRUDA, Gilmar. Cidades e sertões: entre a história e a memória. Bauru, SP: Edusc, 2000.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. 2. ed. Recife: FJN, Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.
- BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BORGES, Jorge Luiz. Obras completas. São Paulo: Globo, 1999, vol. II.
- BOSI, Alfredo. O ser e o tempo da poesia. São Paulo: Cultrix, 1990.
- BRASIL. Ministério das Minas e Energias. Projeto Radambrasil: Programa de Integração Nacional, Levantamento de Recursos Naturais. Folha SD-21. Cuiabá/Rio de Janeiro: Ministério das Minas e Energias, 1982.
- CABALLERO, Manuel Morillo. El Descubrimiento de América y su repercusión cultural: imago mundi

- medieval y mundo moderno. Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos. Brasília, DF: Consejería de Educación de la Embajada de Espanha, 1993, p. 255-264.
- CABEZA DE VACA, Álvaro N. Naufrágios e comentários. Trad. Jurandir Soares dos Santos. Porto Alegre/São Paulo: L&PM, 1987.
- CARPENTIER, Alejo. La novela latinoamericana en vísperas de un nuevo siglo y otros ensayos. 2. ed. México: Siglo Veintiuno Editores, 1981.
- _____. A literatura do maravilhoso. Trad. Rubia P. Goldini e Sérgio Molina. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, Edições Vértice, 1987.
- CHIAMPI, Irlemer. Barroco e modernidade: ensaios sobre literatura latino-americana. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 1998.
- _____. O realismo maravilhoso: forma e ideologia no romance hispano-americano. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- COSTA, Maria de Fátima. História de um país inexistente: o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII. São Paulo: Estação Liberdade: Kosmos, 1999.
- _____. Notícias de Xarayes: Pantanal entre os séculos XVI e XVIII. São Paulo, 1997. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- HOLSTON, James. A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia. Trad. Marcelo Coelho. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- LEITE, Mário Cezar Silva. Águas encantadas de Chacororé: natureza, cultura, paisagens e mitos do Pantanal. Cuiabá: Cathedral-Unicen Publicações, 2003, vol. 4. [Col. Tibanaré de Estudos Mato-grossenses].
- _____. O sonho do petróleo e a serpente das águas cuiabanas: Lobato e o Minhocão. Polifonia, Revista de Letras, n. 3. Cuiabá: Editora Universitária, 1997.
- LENCIONE, Sandra. Região e geografia. São Paulo: Edusp, 1999.
- LIMA, Lezama. Imagem da América Latina. In: Moreno, César Fernández (Coord.). América Latina em sua literatura. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Perspectiva 1979.
- LOBATO, Monteiro. O escândalo do petróleo. Depoimentos apresentados à Comissão de Inquérito sobre o Petróleo. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
- MALDI, Denise. Pantanaís, planícies, sertões: uma reflexão antropológica sobre espaços brasileiros. Revista Mato-grossense de Geografia. ano 1, n. 0, EdUFMT: Cuiabá, 1995, p. 74-102.
- MELLONI, Rosa Maria. O imaginário e o ideário de Monteiro Lobato: um estudo antropológico. São Paulo, 1995. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.
- MOURA, Rolim. D. Antonio Rolim de Moura, primeiro Conde de Azambuja: Correspondências. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso/ Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional, 1982.
- NUNES, Antonio Manoel. Um barroco insular e circundante: visões barroquizantes de Lezama Lima e Alejo Carpentier. Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos. Brasília, DF: Consejería de Educación de la Embajada de Espanha, 1993, p. 265-277.
- PAZ, Octavio. Claude Lévi-Strauss ou o novo festim de Esopo. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- _____. Signos em rotação. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- PINHEIRO, José Amálio. Euclides: A crônica da paisagem. In: FERNANDES, Rinaldo de (Org.). O clarim e a oração: cem anos de Os sertões. São Paulo: Geração Editorial, 2002.
- SALGADO-LABOURIAU, Maria Léa. História ecológica da Terra. São Paulo: Editora Edgard Blücher LTDA, 1994.
- SARDUY, Severo. O barroco e o neobarroco. In: MORENO, César Fernández (coord.). América Latina em sua literatura. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- SOUZA, Lécio Gomes de. História de uma região: Pantanal e Corumbá. São Paulo: Resenha Tributária, 1973.
- TELES, Gilberto de Mendonça. O lu(g)ar dos sertões. In: FERNANDES, Rinaldo de (Org.). O clarim e a oração: cem anos de Os sertões. São Paulo: Geração Editorial, 2002.
- WYLLIE, Peter J. A Terra. Nova geologia global. 3. ed. Trad. J. Renato Araújo e M. C. Serrano Pinto. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.